

Apresentação

Dossiê: *A tradução e suas linguagens* [v. 8, n. 2 (2018)]

Neste segundo volume de 2018 [v.7], de acordo com a sua política editorial, a *Revista Letras Raras*, além de trazer uma interessante coleção de artigos de temas variados, propõe um dossiê especial sobre a tradução, intitulado *A tradução e suas linguagens*, cujo eixo de discussão abrange os mais diversos aspectos desse campo de estudos, dos políticos aos pedagógicos, dos culturais aos historiográficos, passando pelos desdobramentos hoje cada vez mais na moda, como aqueles relacionados com a assim chamada "transmutação de matéria" (Eco). Antes, porém, de convidar à leitura das páginas que se seguem, cabe ressaltar que todos os textos publicados nesta edição estão dentro do escopo da Revista, inclusive no que diz respeito ao espaço destinado aos artigos de estudantes de graduação, pesquisadores iniciantes, que publicam seus resultados de pesquisas, juntamente com seus professores. Entretanto, merece destacar o fato de que, neste volume, há uma maioria expressiva de textos de autores já mestres, doutorandos, doutores e pós-doutores, o que reflete a importância deste veículo de divulgação científica.

Iniciando o dossiê, o artigo *A tradução como política linguística na colonização da Amazônia brasileira, de autoria* dos professores Dennys Silva-Reis e Marcos Bagno, ambos pesquisadores da Universidade de Brasília (UnB), oferece uma valiosa contribuição para repensar de uma perspectiva diferente não só a história da nossa formação linguística, como também, e principalmente, o papel da tradução/interpretação enquanto instrumento de colonização, conforme demonstra, neste emblemático estudo de caso, o envolvimento dela no processo de conquista e ocupação da Amazônia. Dando sequência aos estudos linguísticos da tradução, Bruna Camila Trombini Schneider, do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) e Maria José Laiño, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) trazem o desafio tradutório com o qual se depara o/a tradutor/a ao ter em suas mãos contextos linguísticos e culturais distintos. As reflexões das autoras têm nas tirinhas da célebre personagem, do cartunista argentino Quino, Mafalda, o seu corpus de estudos. A partir de bases teóricas distintas, *A tradução de expressões idiomáticas em tirinhas da Mafalda: no es oro todo lo que reluce* verifica como os elementos culturais presentes em expressões idiomáticas das tirinhas de *Toda Mafalda* (2013) foram traduzidos ao português. As autoras destacam que aliando a língua aos elementos

culturais, a tradução pode se configurar em um importante instrumento na didática de línguas estrangeiras.

Em se tratando de tradução literária, **Traduções de William Blake no Brasil**, de Juliana Steil, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), apresenta um olhar das traduções do poeta e visionário inglês do século XVIII (1757-1827), para a língua portuguesa, do ponto de vista do sistema literário brasileiro. As autoras dão maior enfoque a duas obras: *The Marriage of Heaven and Hell* e *Songs of Innocence and of Experience*, haja vista serem consideradas as mais importantes no contexto da recepção da literatura brasileira, quanto ao número de traduções. Nessa esteira, **Tradução visual: um estudo das capas de *Station eleven*, de Emily St. John Mandel**, de Flávia Denise Pires de Magalhães e Andréa Soares Santos, ambas do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), discute o conceito de tradução sob um olhar imagético. As autoras, ancoradas em sólidas bases teóricas, estudam o paratexto enquanto elemento importante na composição de capas do livro *Station Eleven*, da autora canadense Emily St. John Mandel (2014), e identificam as trocas que ocorrem entre um texto e seu paratexto. Ainda por essa ótica, a pesquisadora Naylane Araújo Matos, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), analisa a tradução brasileira do romance *Wide Sargasso Sea* (1966), da escritora Jean Rhys, dando importante espaço ao papel da tradutora Léa Viveiros de Castro como mediadora cultural, sobretudo no que diz respeito às questões de gênero e étnico-raciais. Assim, o artigo **A tradução brasileira de *Wide Sargasso Sea*, de Jean Rhys** chama atenção para a necessidade urgente de traduções engajadas. Continuando nessa mesma perspectiva, deparamo-nos com **As linguagens do traduzir e a representação da alteridade em autobiografias de ex-escravos afro-americanos: os casos de Harriet Jacobs (1813-1897) e de Frederick Douglass (1818-1895)**, de Lauro Maia Amorim, da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Nesse artigo, o autor discute duas obras autobiográficas traduzidas para o português: a obra *Incidentes da vida de uma escrava contados por ela mesma*, de Harriet Jacobs (1813-1897), traduzida por Waltensir Dutra (1988) e *A narrativa da vida de Frederick Douglass: um escravo americano*, de Frederick Douglass (1818-1895), traduzido por Leonardo Vidal (2016), e discute os caminhos escolhidos pelos tradutores, no que diz respeito ao emprego da linguagem tradutória e às escolhas para a reconstrução do objeto autobiográfico.

Compreendendo a tradução por um outro prisma, os pesquisadores da Universidad Nacional de La Plata, na Argentina, Federico Eduardo Urtubey e Veronica Cecilia

Capasso, apresentam uma particular contribuição para os estudos em foco, uma vez que, no artigo **Barba de Abejas: Traducción, trabajo artesanal y materialidad en torno a una propuesta editorial emergente**, discutem uma realidade do país vizinho nascida neste século e que já vem se expandindo por toda a América Latina: trata-se das editoras artesanais, a exemplo justamente da Barba de Abejas. Para os autores, a diferença dessa em relação a outras é que ela tem se ocupado em publicar obras contemporâneas.

Mudando o foco para a tradução, na visada das adaptações, Danielle Alves da Rocha e Ana Luiza Ramazzina Ghirardi, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) propõem uma análise da transposição de uma narrativa monomodal para uma multimodal em **Do conto à quadrinização: impactos narrativos da transposição multimodal de *La belle et la bete***, analisando esse clássico de Madame de Beaumont (1756) ao lado da adaptação para Histórias em Quadrinhos do texto homônimo (2014). A partir de um olhar crítico-analítico, as autoras deste artigo examinam os impactos da tradução intersemiótica e os conceitos sobre os gêneros fantástico, maravilhoso e ficção científica. Encerrando o dossiê ***A tradução e suas linguagens***, Lucas Piter Alves-Costa, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) também discute a adaptação literária enfocando a personagem Simão Bacamarte do conto *O Alienista*, de Machado de Assis, sob o prisma de Fábio Moon e Gabriel Bá, no homônimo *O Alienista* (2007), também em quadrinhos, a partir de uma consistente base teórica da Semiologia.

Quanto aos textos não ligados ao dossiê, inicialmente, pode-se ler o artigo de Adriano de Paula Rabelo, da Universidade de São Paulo (USP), inspirado em Clarice Lispector, no qual discute a dificuldade de reconhecimento e aceitação da alteridade, com o olhar voltado para o conto *A menor mulher do mundo* de nossa escritora. Em ***A menor mulher do mundo na selva e na cidade: uma alteridade reveladora em Clarice Lispector***, a análise dá enfoque aos dois âmbitos espaciais da narrativa: a selva africana e os lares de classe média de um centro urbano, articulando os aspectos antropológicos e sociais identificados na obra. Na esteira dos mestres da literatura, no artigo ***De Cem Anos de Solidão à Modernidade Líquida*** apresenta ponderações acerca da solidão no mundo contemporâneo, em um tempo em que a internet e de uma infiel compreensão de coletividade, de democracia, de pluralidade e de informação acessível a todos. Os autores do artigo, Antônio Jackson de Souza Brandão e Ednaldo Torres Felício, da Universidade de Santo Amaro também discutem a solidão em diversos vieses, como na mudança de espaço físico no mundo contemporâneo, como espécie de *paramundos*.

Os pesquisadores Mario Ribeiro Morais, Jonas Pereira Lima e Márcio Araújo de Melo, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), discutem em **O leitor e a leitura literária numa noite de inverno**, a leitura literária como um descortinar de horizontes na construção de sentidos. Os três pesquisadores ponderam sobre o papel do leitor subjetivo no âmbito sob a ótica da estética da recepção, acentuando a importância de o leitor ocupar os lugares vazios. Nessa mesma trilha, **A literatura e a formação do leitor: algumas considerações**, de Francisco das Chagas Souza Costa, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), expõe uma reflexão acerca das nuances presentes no texto literário, considerando a sua função, segundo o pesquisador, “mais pragmática”, quando se trata da construção de um leitor, por assim dizer, iniciado. Para ele, faz-se necessário não se restringir a leitura literária ao contexto escolar, posto que ela é imprescindível, desde a mais tenra idade. Ainda nas sendas do ensino da literatura, mas, com foco na dramaturgia, **A comicidade e a violação da moral cristã na farsa de Gil Vicente, O velho da horta: uma abordagem didática para a formação de leitor** de Caio Ricardo Faiad da Silva, Universidade de São Paulo (USP), propõe uma discussão sobre ensino de literatura com as lentes voltadas para a formação do leitor. Para ele, o fato de a farsa ser gênero da literatura dramática que apresenta uma crítica social por meio da comicidade, pode ser um meio importante de contribuir para a formação leitora do leitor literário a partir de um texto renascentista.

Caminhando em direção à língua, identificamos em **O lugar da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**, de Luciene Maria Patriota e Paulo Ricardo Ferreira Pereira, ambos da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), uma imprescindível discussão sobre as variações linguísticas e o contexto sociocomunicativo a partir de uma análise da Nacional Comum Curricular (BNCC). Para estes pesquisadores, pelo fato de haver uma ausência metodológica voltada para a aplicação didática, é necessário destacar o papel dos currículos e a postura do profissional docente, considerando-os elementos determinantes para o processo de ensino-aprendizagem no âmbito da variação linguística. Ainda com o foco no fenômeno linguístico, os pesquisadores Aduino Locatelli Taufer, Amelia Biesek Lovatto e Daniela Favero Netto, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, todos da Universidade Federal Rio Grande do Sul (UFRGS) trazem uma importante contribuição também para o ensino em **Da leitura à produção textual: reflexões sobre uma prática de ensino de texto**. Nesse artigo, investigam o papel da leitura pública como encaminhamento de reescrita, a partir de uma prática com estudantes do terceiro ano do Ensino Médio. Os

pesquisadores deixam uma importante interrogação a ser visitada: quais atividades de leitura, além da leitura em voz alta, podem ser realizadas para que haja interlocução real no texto escolar?

Encerrando esta seção de artigos atemáticos, o texto **Mulheres empreendedoras, do terceiro mundo, multitarefadas**, de Greicy Juliana Moreira e Dulce Elena Coelho Barros, da Universidade Estadual de Maringá apresenta resultados de uma pesquisa enfocando o universo feminino, sob a ótica da crítica feminista.

Na continuidade da leitura, na seção seguinte, a das resenhas, trazemos **Novas metodologias em cena: propostas didáticas para as atividades e tarefas escolares**, de Gilson Batista Gonzaga, cujas reflexões se concentram no livro *Enunciados escolares* (LINO, 2018).

Na sequência, o leitor se deparará com duas traduções feitas por tradutores da Universidade Federal de Campina Grande, cujas leituras são indispensáveis para qualquer leitor: *História de ninguém*, da autoria de Sinara de Oliveira Branco, Marina Soares Duarte Silveira e Ana Beatriz Miranda, Jorge e *Alice Lobo*, por Sinara de Oliveira Branco e Walter Vieira Barros.

Como epílogo desta edição da *Revista Letras Raras*, o leitor poderá saborear -ao modo de Barthes, do ‘saber com sabor’- as suas leituras de *Corrosão*, de José Ronaldo de Paulo, da Universidade Federal de Campina Grande e o *Poema a Heidegger*, de Ezequias Silva Santos, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Aos olhos dos editores deste número, os artigos acadêmicos aqui contidos, assim como as resenhas, ou as traduções, ou ainda os textos de criação literária constituem-se em um caminho que permite traduzir linguagens múltiplas, proporcionando contatos com línguas outras e sobretudo possibilitando descobertas, aberturas de mundos.

Leiamos, pois; e, desfrutemos do saber com o sabor da tradução!

Sinara de Oliveira Branco (Universidade Federal de Campina Grande)

Roberto Mulinacci (Università degli Studi di Bologna)

Josilene Pinheiro-Mariz (Universidade Federal de Campina Grande)

Editores do v.7, n.2, 2018 :

A tradução e suas linguagens